

Boletim de Conjuntura da Bahia

Semanal (06/07-12/07/20)

1. CENÁRIO ECONÔMICO

1.1 Cenário Internacional

A economia mundial entrou no segundo semestre de 2020 ainda profundamente afetada pela pandemia de Covid-19. Uma recuperação completa, ainda neste ano, já está descartada e mesmo uma virada em 2021 dependerá de diversos fatores. Os bancos centrais e os governos reagiram com trilhões de dólares de apoio, sem precedentes, para impedir o colapso dos mercados e manter os trabalhadores em licença e proteger as empresas até a epidemia acabar. Mesmo com essas iniciativas, o mundo ainda sofre sua pior crise econômica desde a Grande Depressão.

Embora alguns indicadores de produção industrial e de vendas no varejo nas principais economias deem sinais de melhora, as esperanças de uma recuperação em forma de “V” têm sido destruídas diante das dificuldades enfrentadas pelos governos em reabrir suas economias sem desencadear uma nova onda de infecções. O Fundo Monetário Internacional (FMI) estima que até o fim deste ano 170 países - ou quase 90% do mundo - terão uma renda per capita mais baixa. O presidente do Fed, Jerome Powell, alertou que as perspectivas são “extraordinariamente incertas” e a presidente do Banco Central Europeu (BCE), Christine Lagarde, vê uma recuperação “limitada” que mudará partes da economia de forma permanente.

A Comissão Europeia, órgão executivo da União Europeia (UE), prevê que a economia do bloco vai se contrair mais do que o esperado por causa da pandemia, que causou o fechamento de empresas e interrupções da vida pública que aos poucos vão sendo relaxadas.

A economia da UE, composta por 27 países, se contrairá em 8,3% neste ano, e deve crescer 5,8% em 2021, segundo as novas previsões da Comissão Europeia. “O caminho para a recuperação ainda está cheio de incertezas”, disse ontem o comissário de Economia da UE, Paolo Gentiloni. As previsões anteriores, divulgadas em maio, quando a maior parte do continente ainda estava em “lockdown”, estimavam uma contração do Produto Interno Bruto (PIB) de 7,5% neste ano, com uma retomada de 6% em 2021.

Para a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) as economias avançadas encerrarão o ano com as taxas de desemprego maiores do que em qualquer outro período desde a Crise de 1929 e só voltarão a seus níveis pré-pandemia em 2022.

A OCDE advertiu contra a suspensão prematura de medidas de emergência criadas para sustentar o emprego e disse que os governos devem lançar novos programas para estimular empresas a contratar trabalhadores, especialmente aqueles que estão ingressando no mercado.

As taxas de desemprego poderão ser ainda mais elevadas se uma segunda onda de Covid-19 levar à adoção de novos regimes de confinamento, ainda que parciais. Em maio, dado mais recente da OCDE, a crise da Covid-19 elevou a taxa de desemprego nos países avançados para 8,4%, com 54,5 milhões de pessoas sem emprego.

A Organização das Nações Unidas (ONU) alertou que a pandemia de Covid-19 está provocando a pior crise sanitária, econômica, social e humanitária na América Latina em um século e seu impacto traz desafios à democracia na região.

A Covid-19, diz a ONU, causará a pior recessão na região em cem anos, com contração de 9,1% do PIB em 2020. Os fatores externos que levam a essa situação são a queda prevista das exportações (20%), diminuição de remessas para a região (20%), baixa de 25% na chegada de turistas na América do Sul e Central e de 39% no Caribe nos quatro primeiros meses do ano.

A forte queda da atividade econômica deverá elevar a taxa de desemprego de 8,1%, em 2019, para 13,5% em 2020. A taxa de pobreza aumentará 7 pontos percentuais neste ano, até alcançar 37,2% da população. E a extrema pobreza poderá pular de 11% para 15,5% da população até o fim do ano.

No Brasil, maior economia da região e especialmente afetada pela pandemia, o número de pessoas na extrema pobreza poderá quase dobrar para 9,5% da população até o fim do ano, comparado a cerca de 5% no ano passado. As pessoas em situação de pobreza poderão pular de cerca de 20% da população em 2019 para 26,4% neste ano.

1.2 Cenário Nacional

Os dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que com a reabertura de lojas em algumas regiões brasileiras durante o mês de maio, as vendas do comércio se recuperaram, crescendo 13,9% em relação a abril. Foi o maior crescimento da série histórica da pesquisa, iniciada em janeiro de 2000. Em maio, todos os ramos pesquisados pelo IBGE tiveram aumento nas vendas.

Segundo a Pesquisa Mensal de Serviços do IBGE, depois de uma retração recorde de 11,9% em abril, o setor de serviços manteve o desempenho negativo em maio, com recuo de 0,9%, na série com ajuste sazonal, ainda sob efeito da pandemia de Covid-19. É a quarta taxa negativa seguida.

Na série sem ajuste, em relação a maio de 2019, o volume de serviços recuou 19,5%, a terceira taxa negativa consecutiva e a queda mais intensa desde o início da série histórica, em janeiro de 2012. “Essa taxa de -0,9% mostra um aprofundamento de um cenário que já era muito desfavorável para o setor de serviços. Ter um resultado ainda negativo quando a comparação é feita com abril, mês que tivemos o pior resultado da série histórica, é bastante significativo”, disse o gerente da pesquisa do IBGE, Rodrigo Lobo.

A Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) estimou que o setor de turismo já soma perdas de R\$ 122 bilhões de março a junho. O montante é equivalente a mais de três meses de faturamento do setor. Essas perdas são consequências de aviões parados, hotéis operando a baixa capacidade e vendas de

pacotes praticamente paradas. A entidade avalia que pode levar até 2023 para que o setor retome o nível de receitas de antes de 2019. Estudo da FGV de junho, por sua vez, calcula que o setor pode retomar o nível anterior à pandemia no verão de 2022.

Conforme levantamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), os setores de alimentação e alojamento, construção e comércio foram os mais afetados pela pandemia de Covid-19, nos últimos meses. No setor informal, o emprego doméstico está também entre os mais afetados.

Estes resultados fazem parte do estudo assinado por Carlos Henrique Corseuil, Lauro Ramos e Felipe Russo com base nos dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) e pedidos de seguro desemprego do governo federal, além da base de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), pesquisa do IBGE que acompanha o mercado de trabalho formal e informal.

Os pesquisadores relatam que as perdas de ocupações foram disseminadas, mas alguns ramos foram mais afetados do que outros. O documento mostra, por exemplo, que o saldo líquido de emprego formal no setor de alojamento e alimentação recuou 8,15% em abril deste ano em relação ao mesmo mês do ano anterior, a queda mais intensa entre as atividades.

Os pedidos de seguro-desemprego continuaram subindo em junho na comparação com o ano passado. Foram 653,1 mil solicitações no mês, um aumento de 28,4% em relação há um ano antes. Esse é o terceiro mês seguido de avanço de dois dígitos nos pedidos, impulsionados pela pandemia do coronavírus e dos consequentes impactos na economia brasileira.

No primeiro semestre, o seguro-desemprego foi pedido por 3,9 milhões de pessoas, um aumento de 14,8% na comparação com igual período do ano passado. A maior parcela no número de pedidos veio do setor de serviços (41,7%), seguido por comércio (25,4%), indústria (18,7%), construção (10,1%) e agropecuária (4,1%).

Cálculos do Ipea mostram que o Indicador de Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) cresceu 28,2% em maio em relação ao mês anterior, maior alta mensal desde fevereiro de 1996, início da série histórica. O resultado ocorreu após queda de 13,4% em março e de 27,5% em abril, mês do pior resultado da série histórica. Quando comparados a maio do ano passado, os investimentos caem 19,6%. O indicador passou a acumular baixa de 8,6% no ano e de 2,8% no acumulado em 12 meses até maio.

Segundo estimativas de pesquisadores da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), a liberação de recursos na economia por meio do auxílio emergencial e da ampliação do programa Bolsa Família (R\$ 122,17 bilhões até 3 de julho) reduz em dois pontos percentuais a queda do PIB brasileiro prevista para este ano.

O trabalho acadêmico tomou como ponto de partida as previsões da OCDE de que o PIB brasileiro este ano será -7,5%. Com base nesse cenário, as projeções para o impacto direto e indireto das medidas de socorro apontam para um arrefecimento total de 4,21 pontos percentuais na contração da economia estimada para 2020, caso o governo federal desembolse o montante emergencial de R\$ 257,2 bilhões previstos para o ano. Desse total, R\$ 3 bilhões seriam recursos adicionais do Bolsa Família e o restante, do auxílio emergencial.

O Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV) mostram cálculos em que o auxílio emergencial de R\$ 600 distribuído pelo governo a partir de abril evitou que 5,6 milhões de crianças (zero a 13 anos) passassem para debaixo da linha de extrema pobreza no Brasil durante a pandemia.

O auxílio emergencial contribuiu para evitar o aumento da miséria não apenas entre crianças, mas da população em geral. Seus efeitos foram proporcionalmente maiores, porém, entre as famílias com crianças. Nos cálculos do Ibre/FGV, a parcela extremamente pobre da população total estaria em 13,3% sem o auxílio, em vez dos 4,2% estimados para maio.

De acordo com o levantamento, que tem como base microdados da PNAD Covid 19, do IBGE, 2,3 milhões de crianças estavam abaixo da linha de extrema pobreza em maio, ou seja, viviam com menos de US\$ 1,90 de renda domiciliar per capita por dia - o cálculo soma todas as rendas da família, inclusive do auxílio, e divide pelo número de moradores.

Segundo levantamento do economista Marcel Balassiano, do Ibre-FGV, com base nas estimativas do FMI, divulgadas em junho, em um grupo de 30 países que respondem por 85% do PIB, o desempenho do Brasil será um dos piores no biênio 2020-2021.

No mês passado, o fundo piorou de forma significativa as projeções para a atividade econômica mundial. No caso do Brasil, a previsão para o PIB de 2020 foi revisada de queda de 5,3% para recuo de 9,1%, taxa considerada exagerada por alguns economistas. Para 2021, a projeção foi de crescimento de 2,9% para expansão de 3,6%.

Esses números deixariam o Brasil na sexta pior posição no biênio entre aqueles 30 países, com queda média de 3% ao ano no período, ante recuo de 1,3% estimado em abril passado. Piores - mas não muito distantes - que o Brasil estaria, nesta ordem, México (-3,8%), Itália (-3,7%), Argentina (-3,2%) e França (-3,1%).

1.3 Cenário Baiano

A Pesquisa Mensal da Indústria (PMI) do IBGE mostrou que após três meses consecutivos de contração, o indicador de produção industrial da Bahia registrou avanço de 7,6% em maio, em relação ao mês de abril (dados com ajuste sazonal). O desempenho do setor em maio reflete, principalmente, o retorno à produção (mesmo que parcialmente) de unidades produtivas, após as interrupções geradas por efeito da pandemia de Covid-19.

Na comparação com igual mês do ano anterior, a indústria baiana assinalou declínio de 20,7%. No acumulado do ano, a indústria registrou queda de 5,9%, em relação ao mesmo período do ano anterior. O indicador, no acumulado dos últimos 12 meses, apresentou redução de 5,1%, frente ao mesmo período anterior.

Na análise sazonal, o comércio varejista no estado baiano registrou variação positiva de 10,3%. Já o varejo nacional cresceu 13,9% em maio, nessa mesma base de comparação. As vendas no comércio varejista baiano registraram, em maio de 2020, recuo de 20,8% na comparação com igual mês do ano anterior. No acumulado do ano, a taxa do volume de negócios foi negativa em 11,1%, de acordo com dados apurados pela Pesquisa Mensal de Comércio (PMC) do IBGE.

Ainda de acordo com a PMC, o volume de vendas do comércio varejista ampliado, na

Bahia, registrou queda de 27,2% nas vendas em relação a igual mês do ano anterior. No acumulado dos últimos 12 meses, a variação foi negativa em 4,1%.

As exportações baianas somaram US\$ 518,8 milhões em junho e as importações, US\$ 362,1 milhões. No acumulado do primeiro semestre, foram US\$ 3,55 bilhões em embarques e US\$ 2,37 bilhões em compras externas. As exportações foram afetadas pelo efeito dos preços, que recuaram 30,2% no período comparado ao primeiro semestre do ano passado, anulando o incremento de 30,8% na quantidade exportada.

Reflexo de uma crise sem precedentes, alimentadas pelo câmbio desfavorável e a paralisação de diversas atividades produtivas, houve forte queda de 31,1% nas importações baianas no semestre comparado ao mesmo período de 2019. Esse recuo deve se manter nos próximos meses, ainda que não na mesma magnitude. A corrente de comércio do estado (soma de exportações e importações) declinou 19,3%, enquanto o superávit alcançou US\$ 1,18 bilhão, sendo 164% maior do que no mesmo período do ano passado.

A estimativa de junho para a safra baiana de cereais, leguminosas e oleaginosas (também conhecidos como grãos) prevê uma produção recorde de 9.359.331 toneladas neste ano – a maior da série histórica do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), realizado pelo IBGE desde 1972. A safra de grãos 2020, na Bahia, deve ficar 13,0% acima (ou mais 1.075.671 toneladas) da colhida em 2019 (8.283.660 toneladas). A previsão de junho para o estado ficou 3,2% maior que a de maio, quando a estimativa era de uma safra de 9.065.031 toneladas de grãos neste ano.

Destaque para a produção baiana de soja que, em 2020, deve atingir 6,027 milhões de toneladas, com crescimento de 1,2 % na área plantada. Com isso, a produção de soja na Bahia deve superar em 13,5% a de 2019 (5,309 milhões de toneladas).

O governo do Estado, através da Secretaria de Desenvolvimento Econômico (SDE) está em fase final de negociação para a vinda de mais uma grande cervejaria para a cidade de Alagoinhas, que hoje é considerada a capital da cerveja e sede de um dos maiores polos de bebidas do país. Trata-se da Cervejaria Cidade Imperial, de Petrópolis, que produz uma das cervejas mais apreciadas do país e pretende investir R\$ 1,2 bilhão na construção de uma fábrica de cerveja, cerveja puro-malte, energéticos e outros produtos com a criação de 350 empregos.

O secretário e vice-governador João Leão declarou-se empenhado em fortalecer o Polo de Bebidas de Alagoinhas, onde já está instalado o grupo Kirin Brasil, comprado pela Heineken, também o grupo Petrópolis da Cerveja Itaipava, além de várias indústrias de refrigerantes.

A confirmação pela Petrobras de que o fundo soberano Mubadala, de Abu Dhabi, está entre os grupos participantes no processo de desinvestimento da refinaria Landulpho Alves (Rlam), na Bahia, ressaltou o interesse de investidores estrangeiros no negócio de refino no Brasil. Segundo o jornal “O Globo”, além do fundo dos Emirados Árabes, o grupo de origem indiana Essar é apontado como um dos candidatos e a chinesa Sinopec também estaria na disputa. O presidente da Petrobras, Roberto Castello Branco, disse que as propostas apresentadas pela Rlam atenderam às expectativas.

A Federação das Indústrias do Estado da Bahia (Fieb) e alguns economistas veem a venda da Rlam com entusiasmo e boas perspectivas de novos investimentos para a economia baiana, tornando provável a injeção de recursos na empresa visando sua modernização/ampliação, bem como o estabelecimento de mercado concorrencial na área do refino. Este cenário, segundo a Fieb, daria início a uma nova fase de crescimento no setor industrial baiano.

Outras instituições e especialistas do setor, entretanto, afirmam que, até o momento, não se vê, no efeito da pandemia, nada que justifique a aceleração da venda do patrimônio da Petrobras. Estes defendem que a venda das refinarias como estratégia de redução de endividamento é uma ação claramente danosa aos interesses da Petrobras, tanto pela desintegração vertical da produção como pela perda de posição dominante no mercado brasileiro de refino.

A seguir são apresentados os setores econômicos, dando destaque as principais ocorrências da semana.

2. Agropecuária

- ✓ O sexto LSPA, realizado pelo IBGE, relativo a junho, estimou que a produção baiana de cereais, oleaginosas e leguminosas, este ano, alcance 9,3 milhões de toneladas, o que representa uma expansão de 13,0% na comparação com 2019 (IBGE, 08/07/20).
- ✓ A soja, cuja colheita está finalizada, ficou estimada em 6,0 milhões de toneladas, a segunda maior da série histórica do levantamento – inferior apenas à de 2018 (6,2 milhões de toneladas). Com isso, houve expansão de 13,5% em relação ao volume produzido em 2019. A área colhida de 1,6 milhão de hectares superou em 1,3% à da safra anterior (IBGE, 08/07/20).
- ✓ A safra de milho foi revisada para próximo a 2,0 milhões de toneladas, em 593,5 mil hectares plantados, representando uma alta de 21,5% em relação a 2019. A estimativa para o algodão foi mantida em 1,4 milhão de toneladas, representando uma queda de 4,3% em relação à safra anterior (IBGE, 08/07/20).
- ✓ Em junho, a produção nacional de cereais, leguminosas e oleaginosas para 2020 foi estimada em 247,4 milhões de toneladas pelo IBGE e se manteve em patamar recorde, 2,5% acima da safra de 2019 (mais 6 milhões de toneladas) e 0,6% superior à estimativa de maio (mais 1,5 milhão de toneladas). Já a área a ser colhida é de 64,6 milhões de hectares, 2,2% acima de 2019 (mais 1,4 milhão de ha) e estável (0,0%) em relação à estimativa anterior (mais 29,6 mil ha) (IBGE, 08/07/20).
- ✓ O arroz, o milho e a soja são os três principais produtos deste grupo e, somados, representaram 92,3% da estimativa da produção e responderam por 87,2% da área

a ser colhida. Em relação a 2019, houve acréscimos de 1,7% na área do milho (aumentos de 4,7% no milho de primeira safra e de 0,6% no milho de segunda safra), de 2,9% na área da soja e quedas de 2,0% na área do arroz e de 0,1% na do algodão herbáceo (IBGE, 08/07/20).

- ✓ Os dados do 10º Levantamento de Grãos realizado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), divulgado na última quarta-feira, indicam que a produção brasileira de grãos deverá ser de 251,4 milhões de toneladas na safra 2019/2020. O desempenho recorde na agricultura deve-se, principalmente, às colheitas de soja e milho, responsáveis por 88% da produção (Conab, 08/07/20).
- ✓ Nesta safra, a Conab estima a maior colheita já registrada para a oleaginosa, com uma produção de 120,9 milhões de toneladas. O bom resultado foi obtido, apesar dos problemas climáticos registrados, principalmente, no Rio Grande do Sul, com registro de produtividade média nacional maior que a da safra passada. A produção de milho também deve ser a maior já registrada. Com a colheita realizada em 25% da 2ª safra do cereal, a expectativa é que o Brasil tenha uma produção superior a 100 milhões de toneladas (Conab, 08/07/20).

3. Indústria

- ✓ Após três meses consecutivos de contração, o indicador de produção industrial da Bahia registrou avanço de 7,6% em maio, em relação ao mês de abril (dados com ajuste sazonal). O desempenho do setor em maio reflete, principalmente, o retorno à produção (mesmo que parcialmente) de unidades produtivas, após as interrupções geradas por efeito da pandemia de Covid-19. Mas a expansão de 7,6% se deve, principalmente, a uma base de comparação muito baixa. Mesmo com o desempenho positivo, o total da indústria ainda se encontra 33,9% abaixo do maior nível da série ajustada sazonalmente, alcançado em janeiro de 2013 (IBGE, 08/07/2020; dados ajustados sazonalmente pela SEI/CAC).
- ✓ A taxa positiva mais relevante, na série ajustada sazonalmente, foi assinalada por bebidas (104,6%), que interrompeu dois meses seguidos de queda na produção, mas ainda assim se encontra 11,7% abaixo do patamar de fevereiro último. Na comparação entre maio de 2019 e maio de 2020, essa atividade registrou taxa negativa de 11,1%. Outros destaques positivos na comparação com o mês de abril foram os segmentos de produtos de borracha e material plástico (95,4%), que voltou a crescer após acumular perda de 69,4% em três meses consecutivos de taxas negativas, e couro e calçados (31,6%), que eliminou parte da redução de 68,6% acumulada nos meses de fevereiro a abril de 2020 (IBGE, 08/07/2020; dados ajustados sazonalmente pela SEI/CAC).
- ✓ Na comparação com igual mês do ano anterior, a indústria baiana assinalou declínio de 20,7%. No acumulado do ano, a indústria registrou queda de 5,9%, em relação ao mesmo período do ano anterior. O indicador, no acumulado dos últimos 12 meses, apresentou redução de 5,1%, frente ao mesmo período anterior (IBGE,

08/07/2020).

- ✓ A principal contribuição negativa no mês de maio, em comparação ao mesmo mês em 2019, foi em Veículos (-97,6%), influenciada, principalmente, pela menor fabricação de automóveis com motor a gasolina, álcool ou bicombustível e bancos de metal para veículos automotores. O setor de Derivados de petróleo (27,9%) apresentou a principal influência positiva no período, explicada, especialmente, pela maior fabricação de óleos combustíveis, óleo diesel e naftas para petroquímica (IBGE, 08/07/2020).
- ✓ Na indústria de Derivados de petróleo, a Petrobras esclareceu que, em relação ao desinvestimento da Refinaria Landulpho Alves (Rlam), houve aprovação dos órgãos deliberativos da Companhia para início da fase de negociação dos contratos aplicáveis e que o Mubadala Investment Company (Mubadala) apresentou a melhor proposta da fase vinculante e, assim, foi convidado para início das negociações. Após a conclusão das negociações com o primeiro colocado, há ainda possibilidade de ocorrer uma nova rodada de propostas vinculantes com os participantes classificados para essa fase, a depender dos termos dos contratos negociados. (Petrobras, 09/07/2020).
- ✓ No setor de energia, a demanda por energia nas quatro distribuidoras do Grupo Neoenergia recuou 8,95% no segundo trimestre e 4,32% no primeiro semestre, é o que mostram os dados preliminares da companhia quando comparados ao mesmo período de 2019. As maiores retrações ficaram na casa de 9,5% para a Elektro e Coelba, 7,9% na Celpe e de 7,7% na Cosern no período de abril a junho. No ano os índices são de 5,7% para a Coelba, 5% na Elektro, 2,7% na Cosern e de 2,1% na Celpe. Segundo a empresa esses indicadores são atribuídos a dois fatores principais, a pandemia de Covid-19 e a melhoria do mix. Em todas as concessionárias houve aumento da demanda na classe residencial. No restante, quedas de mais de 25% na classe comercial com exceção da Elektro onde a redução ficou em 18% (Canal de Energia, 10/07/2020).
- ✓ A Cargill anunciou um acordo de compra de energia com a Omega Energia. Segundo comunicado, o contrato, com prazo de dez anos, envolve um projeto a ser implantado no Nordeste, em que a Omega opera um amplo portfólio de ativos eólicos. A parceria entre as empresas fornecerá 100% da energia das unidades da Cargill em Ilhéus e Barreiras, na Bahia, e dos terminais portuários de Miritituba e Santarém, no Pará. Pelos cálculos da Cargill, o investimento trará uma economia de US\$ 11 milhões e evitará a emissão de 10.547 toneladas métricas de dióxido de carbono por ano (Valor, 10/07/2020).

4. Comércio Varejista

- ✓ As vendas no comércio varejista baiano registraram em maio de 2020 recuos de 20,8%, na comparação com igual mês do ano anterior. A retração no volume de

negócios no país foi de 7,2%, em relação à mesma base de comparação.

- ✓ No acumulado do ano a taxa do volume de negócios foi negativa em 11,1%. De acordo com dados apurados pela Pesquisa Mensal de Comércio (PMC) do IBGE.
- ✓ Na análise sazonal, o comércio varejista no estado baiano registrou variação positiva de 10,3%. Já o varejo nacional cresceu 13,9% em maio, nessa mesma base de comparação.
- ✓ As maiores influências negativas para o setor vieram dos segmentos de Tecidos, vestuário e calçados, Outros artigos de uso pessoal e doméstico, e Combustíveis e lubrificantes. Os impactos do isolamento social em razão da Covid-19 comprometeram o ritmo das vendas nessas atividades.
- ✓ De acordo com a PMC o volume de vendas do comércio varejista baiano em maio registrou, no ampliado, retração nas vendas em 27,2%, em relação à igual mês do ano anterior. No acumulado dos últimos 12 meses, a variação foi negativa em 4,1%.
- ✓ De acordo com o IBGE os resultados para o mês de maio de 2020 mostraram uma perda de ritmo dos impactos no comércio do quadro de isolamento social devido à atual pandemia de Covid-19.
- ✓ Do total de empresas coletadas pela Pesquisa, 18,1% relataram impacto em suas receitas em maio por conta das medidas de isolamento social, 10,0 p.p. abaixo do número de abril (28,1%, maior percentual de impactados desde o início da pandemia), mas 3,6 p.p. acima do mês de março.
- ✓ O Índice de Confiança do Consumidor (ICC) da Fundação Getulio Vargas subiu 3,9 pontos em maio, para 62,1 pontos. O resultado pode ser interpretado como uma acomodação ao recuperar apenas 13,2% da queda de 29,6 pontos acumulada nos dois meses anteriores.
- ✓ Para Viviane Seda Bittencourt, Coordenadora das Sondagens da FGV “a alta da confiança em maio foi influenciada pela revisão das expectativas, com ligeira redução do pessimismo em relação aos meses seguintes. No momento presente, grande parte dos consumidores sente os impactos da pandemia e avalia piora na situação econômica geral e financeira das famílias”.
- ✓ De acordo com cálculos da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado da Bahia (Fecomércio-BA), o prejuízo para o comércio em maio, em termos monetários, foi de R\$ 2,3 bilhões. Somando o bimestre, abril e maio, o comércio perdeu R\$ 5,32 bilhões em relação ao mesmo período do ano anterior, o que significa que, por dia, o prejuízo médio foi de R\$87 milhões.
- ✓ Segundo a Fecomércio-BA, em maio, somente o segmento de supermercados

conseguiu superar o resultado do mesmo mês de 2019. De acordo com o consultor econômico Guilherme Dietze “com a pandemia, as famílias tiveram que focar os seus gastos no consumo de produtos básicos do dia a dia e o setor tem a característica de ter a necessidade de frequência de compra”.

- ✓ Já o segmento de farmácia Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos teve recuo em suas vendas em maio de 13,4%, refletindo um processo de acomodação das famílias na aquisição de produtos como álcool em gel, antialérgicos, antigripais, entre outros medicamentos para se prevenir do coronavírus já que fizeram no início da pandemia.

5. Serviços & Turismo

- ✓ De acordo com os resultados da Pesquisa Mensal de Serviços, realizada pelo IBGE, o volume de serviços no Brasil marcou retração de 0,9%, em maio de 2020, na comparação com o mês imediatamente anterior (série com ajuste sazonal), após ter registrado queda de 11,9% no mês de abril permanecendo a tendência de retração iniciada em fevereiro (-1,1%). Ainda sob efeito da pandemia de Covid-19, essa é a quarta taxa negativa seguida, período em que acumulou perdas de 19,7%. Em sentido oposto, a Bahia avançou 4,7%, após ter registrado recuo 21,6% em abril. Essa é a segunda variação positiva, no ano de 2020, acumulando ainda perdas de 23,6%. Esse resultado se deve a uma recuperação pontual do setor devido às medidas de enfrentamento à Covid-19 que o governo do estado da Bahia vem adotando. (IBGE, SEI)
- ✓ O volume de serviços retraiu 27,2%, em relação ao mesmo mês do ano de 2019. Das cinco atividades, todas puxaram o volume de serviços para baixo, com destaque, por ordem de magnitude, as atividades de Serviços prestados às famílias (-77,6%), seguido por Outros serviços (-35,4%), Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (-26,3%), Serviços profissionais, administrativos e complementares (-15,8%), e Serviços de informação e comunicação (-13,4%). (IBGE)
- ✓ A receita nominal de serviços retraiu 27,2%, em relação ao mesmo mês do ano de 2019. Das cinco atividades, todas puxaram a receita de serviços para baixo, com destaque, por ordem de magnitude, as atividades de Serviços prestados às famílias (-75,7%), Outros serviços (-34,3%), Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (-27,2%), Serviços profissionais, administrativos e complementares (-13,9%), e Serviços de informação e comunicação (-12,2%). (IBGE)
- ✓ No dia 11 de julho de 2020 o governador do estado da Bahia, Rui Costa, decretou a suspensão das atividades de transportes, em mais municípios afetados pelo coronavírus. O decreto de nº 19.825, determina a interrupção da circulação, saída e chegada de qualquer transporte coletivo intermunicipal, público e privado, rodoviário e hidroviário, nas modalidades regular, fretamento, complementar,

alternativo e de vans. Com isso, a retração das atividades de transportes já afeta aproximadamente 92,3% dos municípios baianos, com aumento de 6,9 p.p. em relação à última semana. (Secom)

- ✓ A temporada de verão de 2020/2021 no Brasil deve contar com 24 atrativos naturais certificados pelo Programa Bandeira Azul, uma espécie de selo ecológico. O título de 18 praias e seis marinas brasileiras foi pré-aprovado pelo programa e a lista oficial deve ser divulgada em outubro, após reunião do júri internacional, do qual o Ministério do Turismo faz parte. Para obter a certificação Bandeira Azul, desenvolvida pela organização internacional não-governamental e sem fins lucrativos FEE (Foundation for Environmental Education), o programa analisa a qualidade da água com exames periódicos de balneabilidade, além de infraestrutura, segurança, acessibilidade e o compromisso das comunidades com o meio ambiente e a sustentabilidade dos destinos turísticos. (MTur)
- ✓ De acordo com os resultados da Pesquisa Mensal de Serviços, realizada pelo IBGE, em maio de 2020, o índice de atividades turísticas no Brasil apontou variação positiva de 6,6%, frente ao mês imediatamente anterior (série com ajuste sazonal). Regionalmente, 10 das 12 unidades da federação acompanharam este movimento de expansão observado no Brasil, com destaque para Rio de Janeiro (15,5%), seguido por Minas Gerais (13,5%), Paraná (19,3%) e Santa Catarina (25,4%). A Bahia também contribuiu para puxar o índice nacional para cima com variação de 0,4%. (IBGE)
- ✓ No volume das atividades turísticas, o mês de maio, quando comparado com o mesmo mês do ano anterior, o Brasil caiu 65,6%. Em termos regionais, todas as unidades da federação, onde o indicador é investigado, mostraram queda nos serviços voltados ao turismo, com destaque em termos de contribuição para São Paulo (-66,1%), seguido por Rio de Janeiro (-60,8%), Minas Gerais (-61,1%), Bahia (-73,0%), Paraná (-62,3%) e Rio Grande do Sul (-71,7%). Na receita nominal, a Bahia apontou terceira variação negativa mais expressiva em relação às outras unidades (-73,8%). (IBGE)
- ✓ “Tenha fé, seu destino é a Bahia quando tudo isso passar”. Foi com essa mensagem de fé e esperança que o setor turístico da Bahia tomou conta das redes sociais dias 04 e 05/07 para mostrar o potencial do turismo religioso do Estado. A ação faz parte de uma campanha macro, idealizada pela empresa BBG: “Meu Destino é Brasil”, que a Secretaria do Turismo do Estado (Setur) aderiu visando a deixar “vivo” na mente das pessoas todo o potencial do setor para quando passar a pandemia. (Setur)
- ✓ Um balanço do Ministério do Turismo revela que, durante o primeiro semestre de 2020, 443 obras apoiadas financeiramente pelo órgão, em todas as regiões do país, tiveram trabalhos concluídos. Os projetos, que receberam R\$ 201,9 milhões do MTur, incluem serviços como pavimentação asfáltica, revitalização de orlas, a construção e a reforma de praças, entre outros. O Nordeste lidera o ranking de

ações finalizadas (155), seguido do Sul (133), do Sudeste (84), do Centro-Oeste (44) e do Norte (27). (MTur)

6. Comércio Exterior

- ✓ As exportações baianas encerraram o primeiro semestre com um valor de US\$ 3,549 bilhões, o que representa uma queda de 8,8% em relação ao mesmo período do ano passado. Em junho, as vendas externas do estado alcançaram US\$ 518,8 milhões com redução de 25,6% sobre o mesmo mês de 2019. O enfraquecimento dos resultados, em valor no semestre, é explicado por uma retração nos preços internacionais de uma série de segmentos da pauta de exportação baiana, por conta da pandemia do novo coronavírus, já que o volume embarcado de produtos (quantum) registrou aumento tanto no semestre (30,8%), ou o equivalente a 6,695 milhões de toneladas, quanto no mês de junho (12,3%), totalizando 1,062 milhão de toneladas.
- ✓ As importações somaram US\$ 2,372 bilhões no semestre com queda de 31,1% comparada a igual período do ano passado. No mês de junho tiveram recuo de 10,7% sobre junho do ano anterior. As quedas acentuadas da demanda interna, por conta do isolamento social e das atividades semiparalisadas, além da forte desvalorização do real, atuaram no semestre para conter as compras externas. No primeiro semestre de 2020, o saldo acumulado pelo estado em sua balança comercial foi de US\$ 1,18 bilhão, 164% superior ao registrado no mesmo período do ano passado.
- ✓ Câmbio e produtos agrícolas reduziram preços das *commodities* apurados em reais. O Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil (IC-Br) do Banco Central, de junho, registrou queda de 4,86% em comparação a maio. Na abertura do resultado, as cotações em reais das commodities agrícolas e metálicas registraram queda no período, de 7,7% e 1,4%, respectivamente. Para esse movimento, contribuíram as reduções dos preços de produtos como milho, trigo, café e alumínio, além do câmbio mais apreciado na média do mês. Já as cotações energéticas apresentaram alta de 4,9%, impulsionadas pela recuperação das cotações do petróleo tipo Brent. Na Bahia, a retração dos preços médios de exportação em junho foi de 33,7% e no acumulado janeiro-junho chegou a 30,2%.
- ✓ As exportações brasileiras caíram 7,1% no primeiro semestre, próximo ao ocorrido no estado, que registrou retração de 8,8% ante o mesmo período de 2019, refletindo a redução de atividade nos principais mercados, principalmente, Estados Unidos, Europa e América Latina, cruciais para o Brasil e para a Bahia. Esses mercados compraram muito menos, com as vendas da indústria recuando 15,1% no Brasil, enquanto na Bahia o recuo chegou a 19% no período.
- ✓ O que praticamente decretou o tombo das exportações baianas no semestre e que também afetou as vendas externas brasileiras em menor escala, foi a queda de preços dos produtos exportados, que chegou a 30,2% no estado, e, no Brasil, a

10,2%, efeito da redução da demanda internacional e do consequente efeito preço. Como a pauta baiana é ainda mais concentrada que a nacional (seis segmentos responderam por 75% das exportações no período), a desvalorização dos produtos aqui teve maior peso e foi determinante para a queda nas vendas totais, mesmo com o avanço dos embarques físicos (*quantum*) em expressivos 30,8% no período.

- ✓ O que tem segurado um recuo ainda maior nas vendas são os setores de soja, algodão, derivados de petróleo, metais preciosos, minerais e equipamentos para indústria eólica. A soja que lidera a pauta no semestre, teve alta de 6,5%, de US\$ 569 milhões no primeiro semestre de 2019 para US\$ 606 milhões em igual período deste ano. O algodão teve incremento de 33,7%, os derivados de petróleo (28,1%); os metais preciosos (6,6%) e os equipamentos para indústria eólica (336,4%). Com o desempenho, somente a soja, respondeu por 17% das exportações estaduais. No total, esses seis setores que apresentaram expansão, responderam por mais da metade do valor exportado no primeiro semestre (52,5%).
- ✓ O desempenho dos produtos do agronegócio como soja, algodão, carne de aves, fumo e especiarias, é puxado pela Ásia que chegou a US\$ 1,877 bilhão de janeiro a junho, alta de 8,4%, graças à demanda da China, de Cingapura, Coreia, Turquia e Paquistão por itens como soja, algodão, mas também de combustíveis, celulose e minérios.
- ✓ O gigante asiático, que ocupa desde 2012 o posto de principal comprador dos produtos baianos, deverá crescer em importância ainda mais agora. A participação chinesa nas exportações do estado deverá aumentar de 28% em 2019 para até 32% neste ano, enquanto que no Brasil, essa participação deverá elevar-se para 35%. Ficam assim, ainda mais temerárias, nesse cenário, as recorrentes hostilidades ao parceiro vindo da diplomacia do atual governo federal, bem como do avanço da Covid-19, em empresas que exportam para o país.
- ✓ No início de julho, a China suspendeu as exportações de mais dois frigoríficos brasileiros que exportavam ao país. A Administração Geral de Alfândegas chinesa (GACC) retirou os abatedouros gaúchos de suínos, a BRF em Lajeado e a JBS em Três Passos, da lista de plantas autorizadas a vender para o país. Os dois abatedouros registraram casos de Covid-19 entre funcionários. Com a suspensão das duas unidades, o Brasil passou a contar com apenas 14 frigoríficos de suínos autorizados a vender aos chineses. Ao todo, cinco frigoríficos brasileiros já tiveram a autorização da China suspensa.
- ✓ Também na Europa cresce pressão contra produtos originários do Brasil, em reação a queimadas na Amazônia. Campanha nesse sentido lançada pela ONG Compact, que pede a supermercados europeus que parem de comprar alimentos brasileiros de empresas que “queimam a floresta com a maior crueldade dos últimos dez anos”. A questão fundiária é preocupação prioritária de ações

européias recentes, mais especificamente o projeto de lei 2.633/2020, que facilita a regularização fundiária no país, apelidado de “Lei da Grilagem”, o sistema de licenciamento ambiental (PL 3.729 / 2004) e a que trata de pesquisa e extração de recursos em terras indígenas (PL 191/2020). A pauta ambientalista vem amadurecendo há anos na União Europeia e mobiliza hoje uma parcela considerável de consumidores e, em alguns países, de eleitores.

7. Finanças Públicas

- ✓ A Instituição Fiscal Independente (IFI) do Senado Federal analisou que para a garantia do Benefício Emergencial de Preservação do Emprego e da Renda que visa manter os empregos formais e os estabelecimentos, o governo federal terá que investir de R\$ 26,1 a R\$ 52,6 bilhões, o que poderá impactar o resultado primário das contas públicas, até o final do ano. A IFI reforça que esse instrumento já pagou cerca de R\$ 14 bilhões, preservando até agora, ao menos 11 milhões de empregos, até o dia 30 de junho de 2020. O Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda terá ainda o efeito de diminuir as despesas com o seguro-desemprego até o dia 31 de dezembro de 2020, mesmo prazo previsto para vigência do estado de calamidade pública causado pela Covid-19.
- ✓ Segundo especialistas, a simplificação do processo tributário brasileiro representa um passo importante para minimizar os problemas das desigualdades sociais, além de dar maior fôlego e dinamismo econômico para o país. Atualmente há duas propostas sobre a Reforma Tributária no Congresso Nacional; a PEC 110 (autoria do Senado) que prevê substituição de nove tributos*: IPI, IOF, PIS, Pasep, Cofins, CIDE-Combustíveis, Salário-Educação, ICMS, ISS. E a PEC 45 (autoria da Câmara) na qual são substituídos cinco tributos, o IPI, PIS, Cofins, ICMS, ISS. Ambas consolidam as bases tributáveis em dois novos impostos: um imposto sobre bens e serviços (o IBS) um tipo de imposto sobre valor agregado cobrado na maioria dos países desenvolvidos, e um Imposto Seletivo - cobrado especificamente sobre alguns bens e serviços.
- ✓ Ambas as propostas visam à simplificação e racionalização dos tributos sobre a produção, comercialização de bens e prestação de serviços. Segundo o presidente da Câmara, Rodrigo Maia, o atual quadro de crise pode contribuir para atrair a atenção ao debate por parte de estados e municípios sobre a votação da Reforma Tributária, que poderá seguir para Câmara até a segunda quinzena de agosto.
- * Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), Imposto sobre Operações Financeiras (IOF), Programa de Integração Social (PIS), Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público (Pasep), Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins), Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide-Combustíveis), Imposto sobre circulação de mercadorias e prestação de serviços (ICMS), Imposto sobre Serviços (ISS).

Tabela: Perspectivas de Curto Prazo: Bahia 2020

Principais Indicadores	Resultado observado (%)			Projeção 2020 ⁽¹⁾ (%)					Tendência
	Mensal	Ano	12 Meses	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	
Indústria (abr.)	-26,5	-1,8	-2,5		-16,7	-10,7	-2,0		
Comércio (abr.)	-25,6	-8,3	-0,7		-20,2	-18,7	-15,4		
Serviços (abr.)	-29,9	-12,3	-6,2		-35,2	-30,5	-20,1		
Agricultura (maio) ²	9,4					9,4	9,4	9,4	
Exportações (maio)	-31,9	-3,7	-11,8			-7,0	-5,0	-2,0	
Importações (maio)	-40,7	-33,9	-32,2			-20,0	-30,0	-25,0	
ICMS (abr.) ³	-9,2	2,9	3,3		-9,7	-11,8	-10,6		
FPE (abr.) ³	-5,8	1,1	5,5		-10,2	-9,8	-11,7		

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: **Mensal** - variação no mês em relação ao mesmo mês do ano anterior;

Ano - variação acumulada observada até o mês do ano em relação ao mesmo período do ano anterior; **12 meses** - variação acumulada observada nos últimos 12 meses em relação aos 12 meses anteriores;

(1) Projeção - tendência, para os próximos três meses, dados sujeitos à mudança metodológica;

(2) LSPA: estimativa da safra de grãos; (3) SEFAZ e Tesouro Nacional: variação nominal

Governo do Estado da Bahia

Rui Costa

Secretaria do Planejamento

Walter de Freitas Pinheiro

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

Jorgete Oliveira Gomes da Costa

Diretoria de Indicadores e Estatística

Gustavo Casseb Pessoti

Equipe Técnica

Arthur S. Cruz Júnior, Carla Janira do Nascimento, Elissandra Alves de Brito, João Gabriel R. Vieira, Luiz Mário R. Vieira, Maria Margarete de Carvalho A. Perazzo, Pedro Marques de Santana, Poliana Peixinho, Rosângela Ferreira Conceição, Zélia Maria de C. Góis

Equipe Editorial

Vinícius Luz (designer gráfico), Ludmila Nagamatsu (editoria de arte), Elisabete Barretto (editoria-geral)